

SOFIA SILVA

Sorrisos
Quebrados

FICHA TÉCNICA

Título original: *Sorrisos Quebrados*

Autora: *Sofia Silva*

Copyright©2017 by Sofia Silva e Editorial Presença, Lisboa

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Korobkova/DepositPhotos*

Design da capa: *Joycilene Santos*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2018

Depósito legal n.º 439 672/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

TRAUMA

(grego traûma, -atos, ferida, dano, avaria)

1. LESÃO LOCAL PROVENIENTE DE UM AGENTE VULNERANTE.
2. AGRESSÃO OU EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA MUITO VIOLENTA.

in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

*Eu não
me apaixonei pela sua força
me encantei com a sua beleza
me atraí pelas suas curvas.*

Não.

Essas eu também amo.

Mas

amei-a pelo seu sorriso

Fraco

Desproporcional

Quebrado.

*Ele é o meu favorito
e o mais lindo de todos.*

The background is a monochromatic, ethereal space scene. It features a large, bright, glowing nebula or star cloud in the upper right quadrant, with a soft, hazy glow. The rest of the sky is filled with numerous small, bright stars of varying sizes. Several constellations are depicted with thin white lines connecting their stars. The overall color palette is grayscale, with highlights in white and light gray against a darker, textured background.

Prólogo

Paola

Por favor, por favor, por favor, rezo e peço proteção a cada passo leve que dou pela casa. Com os sapatos nas mãos, desço a escada com cuidado. Treinei, durante dias, como descê-la sem que a madeira rangesse. Pensei em tudo durante semanas, tanto que o meu único pensamento é partir.

Expiro fundo, quase silenciosamente, quando, enfim, chego ao piso de baixo. Com cuidado, percorro o corredor e entro no escritório. O lugar proibido. Abro a gaveta e pego nas chaves do carro que não conduzo há dois anos, mas não resisto e olho para as nossas fotos. Como vai alguém acreditar em mim se ele parece um príncipe: alto, loiro, olhos claros e sorriso apaixonado? As mesmas fotografias em que, se alguém analisar com atenção, perceberá que o meu sorriso, com o passar do tempo, vai diminuindo e a mão dele na minha cintura vai aumentando, apertando, sufocando... Esmagando.

Matando.

Não resisto — viro as fotografias para baixo. Eu era tão nova, tão apaixonada e inocente. Com o sorriso mais feliz que uma mulher poderia ter. Ele tinha feito o pedido de casamento com rosas espalhadas pela casa, a que comprara em segredo para nós. Parecia um conto de fadas: velas, champanhe e música ambiente romântica. Um pedido diante de todos os amigos e familiares para

registarem como eu era sortuda em ser amada por um homem tão maravilhoso. Um verdadeiro príncipe dos tempos modernos.

«Ele é o sonho de qualquer mulher. Nunca o deixes escapar. Tu não vais encontrar homem melhor», disseram-me a noite inteira enquanto eu recebia os cumprimentos. De nós dois, todas as pessoas deixavam claro que a felizarda era eu. Eu também pensava assim quando ouvia essas palavras. Como, dentre todas as minhas amigas que nutriam uma paixãozinha por ele, fora eu a escolhida? Os meus sonhos não poderiam ser mais perfeitos. O Roberto era a prova de como os homens não são românticos somente na literatura. Ele era o meu conto de fadas. Só não imaginei é que o papel dele na nossa história não seria o de príncipe, mas o do pior dos vilões.

Olhando para trás, consigo perceber que tudo era perfeito demais, e ninguém pode ser assim. Não existe um homem sem falhas, mas, por ele parecer tão bom, fui-me modificando para o fazer feliz. «Amo-te tanto, Paola. Faço tudo para sermos felizes. Só estou a pedir para não vestires essa saia, (...) não vás passear com as tuas amigas hoje e fica aqui comigo, já não suporto ficar longe (...) não sorrias para outros homens porque esse sorriso quero-o só para mim (...) não (...) não (...) não...»

Nãos que começaram como pedidos que eu acreditava serem de um marido apaixonado, com ciúmes normais. Um homem religioso que não conseguia ficar longe da mulher e que, perante Deus, os meus pais e todos os nossos amigos, prometeu amar-me e fazer-me feliz até à nossa morte. Muitas vezes dizia que nem a morte poderia diminuir o que sentia por mim. Era eterno. Hoje, essas palavras assustam-me terrivelmente.

Deixo o escritório e tudo para trás, sem pensar em mais nada, porque é deprimente saber que passei de uma adolescente de dezoito anos, que encontrou o amor perfeito, a alguém com vinte e quatro, que tem medo de acordar todas as manhãs sem saber o que irá acontecer. Passei a ter receio de respirar perto dele, ou parar de respirar nas mãos dele.

Saio em direção à garagem. Se eu pudesse iria a pé, mas vivemos quase a dez quilómetros longe de tudo e rodeados pelos cães

dele, que «vão proteger-te enquanto eu estiver longe». Mais uma mentira. Vivo aterrorizada em sair, pois estão treinados para vigiar cada passo meu. O Roberto sabe que tenho medo de cães devido a um incidente na infância e usa isso contra mim.

Corro apressada, abro a porta do carro e suspiro. Encosto a cabeça no banco e sorrio.

Finalmente! Estou a um passo de ser livre!

Levanto a mão para ligar o carro e ir embora para sempre, quando a minha cabeça bate com tanta força no volante, que o meu nariz quebra com o impacto. Tento erguer-me, desorientada e confusa, mas ela bate novamente com força e sinto o gosto do sangue. E dor. Tanta dor. Estou entre sangue e dor.

Ai, meu Deus, dói tanto!

Bate, bate e bate... Sangro, expludo, diluo-me.

Novamente, novamente, novamente.

Sem tempo para gritar ou chorar as dores que proliferam em mim.

Perco a noção de quantas vezes o meu rosto foi esmagado contra a dureza do volante. Sempre que tento levantar a cabeça, ela bate com mais força e sinto que rasguei a língua.

O meu rosto está desfigurado. Tão subitamente como começou, ele para e eu grito toda a tortura que sofri.

— Ahhhhh!

Um choro sufocado pelo sangue na garganta sai quando o meu rosto grita em sofrimento — implorando por clemência — e sinto um calafrio no pescoço. O frio da morte a tomar conta de mim.

— Vais passear sem dizer nada, Amor? — pergunta com uma voz calma. Odeio quando ele a usa comigo, pois são as piores discussões.

— Por favor, Roberto, não suporto mais isto.

Toda a minha boca é sangue, lágrimas e dentes quebrados que cuspo, vendo-os caírem no meu colo.

— Prometo que não contarei a ninguém. Se quiseres, assino uma declaração a assumir que a culpa é minha, mas não me batas mais. Deixa-me ir — imploro, sentindo a mão dele a rodear o meu pescoço por trás. Apertando, sufocando... Esmagando.

Matando.

Começo a chorar de medo e de agonia. Tantas, tantas dores. De todas as vezes que me bateu, nunca tocou no meu rosto, pois dizia que era nele que eu possuía alguma beleza, além de que não poderia esconder se algum parente ou amigo viesse visitar-nos.

— A culpa é tua por estares a sangrar. E eu não te bato, Paola, eu educo-te quando fazes algo inaceitável. E tu erras como ninguém. És burra e repetes sempre os mesmos erros. — Puxa o meu cabelo com força, passando o nariz no meu pescoço.

— Não, Roberto, não faças isso — imploro, desesperada.

Sempre que «me educa», ele toca no meu corpo de forma imunda para depois me humilhar ainda mais. Sádico.

Com calma, aperta a minha garganta e, simultaneamente, beija o meu pescoço. A sua voz é tão serena que as lágrimas escorrem pelo meu rosto, pois sei que virão muitas outras em seguida.

— Estou cansado de tentar ensinar-te como deves ser uma boa esposa. Porque fazes isso comigo? Porque não me fazes feliz? Não peço muito, mas já estou desiludido, Amor — murmura, passando a língua pelo sangue que escorre.

Já não suporto a presença dele.

Inesperadamente, solta o meu corpo e, por segundos, relaxo até ele sair de trás do banco, onde estava escondido, e abrir a minha porta. Olho para o meu marido, com a sua postura arrogante e beleza fria, mas é o prateado reluzente da sua aliança que brilha na penumbra da garagem.

Tento encontrar fragmentos do homem que amei, mas cada vez mais acredito que ele nunca existiu. Junto as mãos trémulas como se estivesse a rezar, na tentativa de sobreviver.

— Eu vou embora, Roberto. Vou sumir da tua vida. Desaparecer! Podes dizer o que quiseres sobre mim. Vou embora. Assim, não vais ter de ficar dececionado por eu falhar constantemente. Não quero nada, Roberto. — *Somente ser livre!*, grito interiormente.

Ele fica parado a ouvir tudo. Levanta a mão e eu retraio-me com medo, mas os dedos são meigos quando tocam no meu cabelo. Fica mais próximo, segura o meu rosto com as duas mãos, olhando-me com carinho.

Passa o dedo no meu olho, que não abre por estar inchado, e parece triste com o estado do meu rosto. Ele é muito doente.

— Meu amor, eu amo-te e só quero ser feliz, mas também quero que tu sejas. A tua felicidade é ao meu lado, nós os dois juntos. Apesar de seres má para mim, continuo a amar-te. Imagina o meu sofrimento quando recebi uma chamada da tua mãe há um mês a perguntar se estávamos a passar por alguma crise, pois a minha adorável esposa havia perguntado se poderia voltar para casa. Pensa nas noites em que não dormi com medo de acordar sozinho, abandonado pela mulher que amo, mesmo com ela a ser a desilusão personificada. Passei um mês com medo de que te fosses embora. Não imaginas o que é viver com medo.

Consigo imaginar porque é assim que eu vivo!, exclama a minha mente apavorada.

— Como foste capaz de fazer isto comigo, Paola?

Aproxima-se e curva o corpo na tentativa de beijar os meus lábios, mas desvio o rosto até ele apertar com tanta força que é impossível lutar. Roça os seus lábios nos meus, obrigando-me a abrir a boca, e consigo sentir o gosto do meu sangue misturado com as lágrimas, juntamente com o gosto dele, que passei a odiar.

— O casamento terminou — sussurra, interrompendo o beijo e afastando-se de mim.

Estou livre!

Com as mãos trémulas, procuro as chaves que caíram quando ele me bateu, mas não consigo encontrar porque uma dor agonizante ataca novamente.

— Ah. Não! Não! Não! — grito.

Com força, ele põe-me para fora do carro, puxando o meu cabelo e arrastando-me pelo chão.

Tento agarrar-me ao carro, mas não consigo.

Tento prender-me em algo, mas não há mais nada na garagem. Não tenho salvação.

— O que estás a fazer? Para, Roberto. Estás a magoar-me. Para, por favor, para!

O meu cabelo parece que vai ser arrancado da cabeça pela força com que estou a ser arrastada para fora da garagem.

Vou morrer, eu sei que vou morrer. Neste momento, eu sei que a minha vida terminará hoje.

— Sua puta! — grita como louco. — Dei-te tudo. Dei-te o amor que nenhum outro homem é capaz de oferecer a uma mulher. Sofri todos estes anos ao teu lado quando tu olhavas para outros homens e preferias estar com os teus pais e as tuas amigas do que comigo. Quando fingias orgasmos! Não passas de uma puta nojenta. Lixo! Imunda! — Enlouqueceu. É tudo mentira. — O que vão as pessoas dizer de mim? Já pensaste nisso? Pensaste em mim? Não! Porque uma mulher como tu só pensa nela.

Continua a gritar, sem nunca parar de arrastar o meu corpo, que é arrastado dolorosamente nas pedras do jardim, aumentando o pavor que se abate sobre mim.

— Por favor, Roberto, está a doer. Para! Por favor, para! — suplico, mas ele continua a arrastar o meu corpo, até que o som que odeio começa a aumentar. — Não. Os cães não, Roberto. Eu tenho muito medo, tu sabes. Por favor, Roberto. Não faças isso.

Peço vezes sem conta, e tento novamente agarrar-me a algo, mas não consigo. Tento travar a trajetória com as pernas, mas ele é forte demais e sinto que parti um dedo ao tentar fazê-lo parar.

Choro com a certeza de que estes são os meus últimos minutos de vida. Vou morrer. Meu Deus, vou morrer pelas mãos do homem que amei.

Vou morrer... vou morrer.

— Vais aprender, já que ages como uma cadela, a viver com elas. Vou escolher um animal que vai tratar-te como mereces.

Lágrimas ensanguentadas caem mortas pelo caminho, como prenúncio do meu destino.

— Não! Não! Não! Não faças algo sem pensar. Por favor, Roberto, pensa no que estás a fazer.

Continuo a pedir e a perder a esperança a cada segundo que passa, e ele arrasta-me como se eu não estivesse a lutar pela minha sobrevivência.

O latir desenfreado dos cães assusta-me. Ele usou sempre os animais para incutir medo, como nas vezes em que ficavam à porta de casa e rosnavam se eu me aproximasse.

Casei com um monstro e vou pagar por isso.

O som do portão a abrir-se e o aumento do latir são como o som do inferno. *Deus, meu pai, salva-me, por favor.*

— Roberto... Roberto, não faças nada de cabeça quente. Por favor, se me amas não faças isso — peço pela última vez, antes de sentir a bota a chocar contra o meu rosto. Afinal, a morte veio rápida.

— Meu amor, acorda. Vamos. Preciso de ti acordada.

A voz suave voltou e, por segundos, penso que ele está arrependido, até sentir algo frio no meu pescoço. Passo os dedos e o pânico apodera-se de mim. Uma coleira. Estou acorrentada na casota de grades.

Olho para todos os lados e tento perceber como estou presa; tento encontrar uma possível fuga, mas sei que só tem uma saída e, para meu desespero, está fechada.

— Roberto, o que estás a fazer? — indago, amedrontada.

Ele baixa-se, encarando-me.

— Sabes porque te escolhi naquela noite?

Fico em silêncio, à procura de uma resposta, quando um taco me acerta com força, fazendo-me cair para trás com o impacto.

— Responde, cadela!

— N... não sei — gaguejo, mentindo.

Sempre que nós discutimos, ele conta a mesma história.

— Vou dizer novamente. Havia dezenas de mulheres, quase todas mais altas, mais lindas, mais inteligentes e mais experientes que tu. Ao lado delas, tu sobravas. O patinho feio. Eras a baixa, a magra que não tinha peitos nem curvas. Com cabelo de cor banal e olhos também sem charme algum para cativar a atenção. Nunca serias a primeira escolha de um homem. Talvez nem a última, pois qualquer outro homem sem a minha visão bondosa tirava-te da lista.

O Roberto repete sempre isto, e as suas palavras são como cacos de vidro que me cortam por dentro.

— Mas, de todas, eras a que tinha o sorriso mais lindo. Nenhuma outra mulher sorria assim e, naquele momento, eu sabia que tinha que ter-te para mim. O que eu não esperava era desilusões atrás de desilusões, que acabaste por trazer para a nossa vida.

A capacidade de interpretação que ele tem dos acontecimentos coloca-o sempre como o bondoso da história. O herói que resgatou a donzela.

— Imagina só como foi ouvir da mulher que eu amo que talvez eu precisasse de procurar um especialista por não ter ereção para foder como ela gosta: como uma cadela no cio. Paola, a culpa de não te foder é tua e desse teu corpo nojento.

Tento, uma última vez, explicar.

— Eu nunca disse isso, Roberto. Pensei em ti. Pensei com amor. O teu problema não afetou o meu amor. Não foi isso. — Ele, como um psicopata, finge não acreditar em mim.

— A culpa nunca foi minha. Mas não, tu achaste que era eu quem tinha problemas por não ficar excitado. Ficavas horas a conversar comigo, experimentando todas as técnicas. Vestias-te que nem uma putinha porque só pensavas em ti. Sexo, sexo, sexo! — exclama, e chuta com força uma lata de tinta que quase me atinge. — Eu comprei joias, roupas, esta casa, mas para ti era mais importante o facto de não fodermos todos os dias, de eu não gostar de sexo a toda a hora. Imagina como foi doloroso encontrar no teu histórico da Internet nomes de médicos e de tratamentos. E quando a vaca da tua amiga olhou para mim, eu sabia que tu tinhas comentado com ela.

— Não. Eu nunca conversei com ninguém sobre a nossa intimidade, Roberto. Nunca faria isso. Tudo o que fiz foi para tentar ajudar-te. Não se tratava do meu prazer, mas de nós como casal. — Como ele distorceu a realidade.

— A culpa é tua. Eu sou perfeito! — grita, enchendo o peito com orgulho. — Sexo não é tudo, mas, se queres ser comida como um bicho, vou arranjar uma maneira.

Começo a suar frio.

Ele sai da jaula, e não tenho tempo para entrar em pânico ou pensar no que está a acontecer. Puxo com força a coleira, mas ela é de ferro e couro. Tento, tento, tento... tento mais uma vez, até saber que não vou sair daqui viva. Mas o instinto não me deixa desistir e continuo a puxar, até os meus dedos sangrarem. Não vou morrer sem tentar.

Ele volta, sinto a presença dele, mas continuo a tentar, até que levanto a cabeça e à minha frente está o seu *pit bull* favorito. O mais agressivo. Aquele que o Roberto passava horas a treinar.

— Por favor — peço entre lágrimas e choro, sem nunca parar de tentar sair daquele cárcere infernal.

Desespero e medo. Dor e falta de esperança desabam sobre mim.

— Roberto, não soltes o cão. Por favor, não faça isso. Por favor.

Continuo a chorar e a implorar. O meu corpo treme de cada vez que o *pit bull* ladra. Ele olha-me uma última vez, sorrindo, e diz a frase mais assustadora:

— Até que a morte nos separe, Paola.

E solta o cão.

Eu grito.

O portão fecha-se e...

O *pit bull* corre feroz.

Ataca.

Morde.

Arranca.

Destrói.

Eu grito.

Imploro.

Choro.

Sofro.

Luto.

Ele não para.

Eu não aguento.

Morro.



1.^a Parte

Dolorosamente
Colorida

1

Paola

Seis anos depois

«Tiveste muita sorte.»

Passo o creme no rosto para diminuir a vermelhidão. Desço para o pescoço, sigo pelos ombros, braços e mãos, aplicando bem nas linhas grossas e onde as cicatrizes são mais visíveis.

«Foi um milagre.»

Escovo o cabelo, escondendo algumas falhas onde não voltou a crescer. «Deixa o passado para trás.»

Coloco a lente no olho ligeiramente caído como se estivesse sempre triste. «Estás livre.»

Faço nebulização durante quinze minutos, porque hoje o dia está muito quente e sinto dificuldade para respirar.

«Sobreviveste.»

Pego num copo de água e tomo quatro comprimidos de uma só vez. Mais uns minutos e as dores cessam.

«Um dia serás verdadeiramente amada.»

O meu reflexo surge no espelho como se o vidro estivesse quebrado, e não eu. Se não consigo ver beleza em mim, quem verá?

«Tens de pensar no que será o teu futuro», há anos que repito para mim mesma estas frases, como um mantra.

Olho a placa na porta. Inspiro e expiro sonoramente, e leio em voz alta:

Todos os dias são um recomeço.
Todos os dias eu renasço.
Todos os dias eu me levanto.
Todos os dias eu não desisto.
Todos os dias eu vivo como se não tivesse
Todos os dias.

Saio porta fora, viva.

Caminho devagar pelos jardins da Clínica onde moro por opção. Um lugar que tem sido o meu lar nos últimos dois anos e onde, dia após dia, sinto que o mundo lá fora pode voltar a ser uma realidade para mim, mas não hoje. Hoje, cada passo dói. Talvez a dor seja maior porque é o aniversário da minha morte. Abro a malinha com as tintas, retiro os pincéis e começo a pintar.

Pinto o branco dos dentes que morderam a minha cabeça, furando a pele. Quando um *pit bull* agarra, ele não larga. Quanto mais puxamos, mais ele fecha a boca. É como tentar soltar um tecido preso nos dentes de um fecho-ecler. Rasga.

Rabisco de cinza a coleira que me prendeu, impossibilitando-me de fugir, estrangulando o meu pescoço quando o cão puxava o meu corpo ferido.

Salpico de vermelho a pele lacerada e os músculos mordidos, rasgados, mastigados por um cão esfomeado.

Pego no verde, levanto a mão, mas paro. Não consigo. De todas as lembranças, é o verde dos olhos dele que não esqueço.

O verde que eu via entre o branco, o cinza e o vermelho.

O verde que olhava.

O verde que incitava o cão a morder mais. A não desistir.

O verde a quem eu gritava súplicas de ajuda e não fez nada.

O verde que me matou.

Irritada, empurro todo o material.

Grito.

Rasgo violentamente a tela com uma tesoura.

Grito. Espeto-a mil vezes na tinta verde como se fosse ele.

Grito.

Espalho as cores com as mãos, na tentativa de escondê-las. Ten-

tando apagar memórias que hoje estão mais despertas.

Grito.

Cubro o meu corpo de rosa, de amarelo e de todas as cores que não são o passado.

Levanto uma lata de tinta e despejo-a sobre mim. Da cabeça aos pés.

Pinto e grito.

Passado muito tempo, paro.

Fico a respirar profundamente, olhando para tudo, e rio alto. Não consigo parar de rir. Rio com tanta força que acabo por chorar ainda mais descontroladamente.

Choro e rio ao mesmo tempo.

Sou livre, mas neste dia estou mais presa a ele.

Caio de joelhos, continuando a rir e a chorar diante das cores que me deram vida. E, quando olho em frente, a tentar imaginar o que de bom pode surgir no meu futuro — se um dia viverei sem sofrer; se um dia serei feliz —, não pinto mais.

Paro de gritar.

Engulo o choro e abro a boca num O. À minha frente, com uma expressão de espanto, está um homem parado a olhar-me.